

Lídia Jorge
OS MEMORÁVEIS

Romance



A FÁBULA



O antigo embaixador estava vestido de seda e, por estranho que pareça, o caminho que iria conduzir aos memoráveis teve início no copo de uísque escocês que andava nas suas mãos. Igual líquido circulava pelos copos daqueles que o acompanhavam, e talvez por isso mesmo as gargalhadas que soaram no amplo salão da casa tenham sido tão desabridas, quando o anfitrião disse para aquele que lhe estava mais próximo – «Afilhado, agora que uns quantos mercadores estão empenhados em demonstrar que a Terra é plana, não faltará quem venha dizer que a história é redonda. Estão a ver como se constrói uma bela impostura? A Terra lisa como um guardanapo, a história sem uma ponta por onde se lhe pegue como se fosse uma esfera. E agora, tu, Bob? Como é que vais desfazer um embuste tão bem montado?»

Os vários homens que o acompanhavam desmancharam-se de riso. Depois é que chamaram a portuguesa para que se risse também. Ela abandonou o canto onde se encontrava e foi integrar o grupo que se divertia em torno do anfitrião, mas em breve, naquela divisão apenas iriam permanecer o homem vestido de seda, o afilhado Robert Peterson e ela, ou melhor, eu mesma. Então o silêncio ali dentro, em contraste com a alegria que se

propagava pelas outras divisões da casa, criou um intervalo demasiado prolongado entre nós, até que o padrinho, com um aceno amigável, me chamou para junto da grande janela. Lá fora, uns fiapos brancos tinham começado a voar com umas horas de atraso em relação à previsão da meteorologia, e o antigo embaixador achava interessante que eu assistisse à sua chegada. Ele disse – «Venha até aqui, Miss Machado, venha ver o que está a cair do céu sobre o nosso jardim.» Eu fui e ali ficámos os três junto do vidro, tocados de encantamento e melancolia.

Mas essa fina contemplação diante do prenúncio da neve não durou um instante. O padrinho logo se despreendeu daquele clima de fascínio e perguntou ao Bob, como se a neve não existisse e eu ali não estivesse – «A propósito, afilhado, o que decidi eu sobre o assunto que te propus?» E aí, ambos começaram a trocar impressões sobre o calendário das futuras deslocações aos países do deserto, lá onde, passados seis meses, a guerra continuava sem pausa nem fim à vista. A partida estava marcada, a escala encerrada. Renitente, o padrinho insistiu – «Não te esqueças que ela pode muito bem ser substituída nessa missão. Milhares de jovens repórteres da sua idade estão neste momento a caminho dos desertos para falarem com as viúvas dos mártires. O que vai ela lá procurar que outras não o possam fazer em seu lugar?» Padrinho e afilhado falavam em inglês e de novo aquele *she* era eu. Até que o homem vestido de seda iniciou uma longa exposição sobre o vício de reportar batalhas.

Sentámo-nos.

O anfitrião falava com o copo na mão, rodando-o, como se fosse um adorno, e eu pensava que aquele líquido bem poderia não ser uísque mas água pintada. Falava lentamente, dirigindo-se

a Bob Peterson, uma longa exposição sobre o vício de cobrir conflitos armados, vício que se pegara ao afilhado Bob, e provavelmente a todos aqueles que lhe passavam pelas mãos, incluindo ela, a rapariga que ali estava. Muito desgostoso com o facto, o padrinho começou a expor a sua teoria a propósito desse triste vício, que sempre incluía calendários em sobressalto, urgências inadiáveis e repórteres imprescindíveis. Estivéssemos nós, porém, bem descansados que assunto para cobrirmos nunca nos faltaria ao longo de toda a vida, e quanto a carnificinas e viúvas, onde quer que fosse, e quando quer que fosse, para infelicidade de todos, sempre as teríamos. Era, precisamente, para contrabalançar a permanente lei da recidiva que valia a pena escolher da sua espiral os momentos de intervalo que de onde em onde sempre iam surgindo. Dizia o diplomata, e no meio dessa fala, metodicamente monótona, como se escutá-la por si só constituísse uma prova, acabou por se me dirigir em português – «Miss Machado, já aqui disse ao meu afilhado que nem sempre a história é um pesadelo de que em vão tentamos acordar para regressar ao ponto de partida. Olhe que por vezes, embora escassas vezes, a história também é um sonho agradável, e tão apaziguante pode ele ser que vale a pena uma pessoa ao acordar tentar por todos os meios guardar-lhe a imagem para que não se esvaia. Sejam práticos. Quando acontece despertarmos a meio de um desses sonhos, o que devemos fazer é manter-nos em estado de alerta, guardando o momento de excepção, prolongando-o na memória de forma excepcional também. Tenho ou não tenho razão?»

E virando-se para Bob, dirigiu-se-lhe em inglês – «Eu já te disse, afilhado, é preciso não baixar os braços. Para começar, sugiro-te uma sequência de cinco ou seis episódios, como aquelas séries dos bons velhos tempos, quando tu eras um rapaz genial e o que produziavas resultava ainda melhor do que planeavas. Alguma coisa que se chamasse *A História em Vigília*, ou uma outra designação

semelhante. Um primeiro número, exemplar, e para esse início inaugural sugiro Miss Machado. A rapariga a abrir a série com o caso do seu país, aquele caso extraordinário que ocorreu na sua pátria, já lá vão vinte e cinco anos ou mais. O tempo sempre a passar, cada vez mais rápido, cada vez mais rápido, o tempo sempre a abrir, não é mesmo assim, Bob? Aceita o conselho que te dou. Ela deveria ir lá, quanto antes, recolher o resto da metralha de flores que ainda existe entalada entre as pedras da calçada de Lisboa. Envia-a para lá, afillhado, envia-a antes que seja tarde. Sugiro que a série se designe por *A História Acordada*.» E o antigo embaixador elevou o copo à altura dos olhos e fez uma longa saúde, como se alguém no interior daquele salão fosse ter um filho.

Ainda não referi que a casa do embaixador era de madeira e vidro, nem que se erguia na margem de um afluente do rio Potomac, um fluxo razoável de onde provinha o som rumorejante da água que de vez em quando se ouvia. Também ainda não mencionei que a moradia estava rodeada de carvalhos vermelhos, e que os primeiros flocos de neve, em vez de os encobrir, continuava a exibí-los em forma de fogueiras brilhando por contraste no meio da humidade verde. Essa circunstância não tinha importância alguma, a não ser que, de súbito, os dois americanos me conduziam para lugares que eu não desejava visitar, e a neve, caindo sobre o jardim, cada vez com mais intensidade, paralisava-me enquanto as cores ardiavam. Eu estava presa das cores. Assim, não demorou muito que o antigo diplomata não dissesse, usando o seu português com forte sotaque – «Miss Machado, vamos lá conversar. Quando o milagre português aconteceu, eu ainda não me encontrava no seu país. Só lá cheguei nove meses mais tarde, já as ruas de Lisboa estavam no auge da sua metralha, o que muito trabalho me deu.» E nisto o embaixador voltou a rir com gosto, avaliando o volume do seu uísque e rodando-o no copo. Disse

ainda – «Lá que me deu, deu. Mas também me proporcionou uma das maiores satisfações da minha vida. Para já, posso assegurar-lhe que venci o meu Secretário de Estado num diferendo que ficou conhecido na altura com um nome bastante curioso. Quer saber como era designado o nosso diferendo? Era conhecido nos corredores do Departamento de Estado como *a guerra das unhadas portuguesas* entre o Henry e o Frank, o que no caso dele se entendia muito bem, já que lhe chamavam juba-de-leão, o terrível. Era o que se dizia aqui, em Washington, embora nada disso constasse no seu país. Em Lisboa pintavam-se *go home soon* por baixo do meu nome como se eu fosse um estorvo, enquanto nas paredes ao lado se desenhavam flores. Foi aí, Miss Machado, no meio dessa metralha, que eu conheci o seu pai.»

Eu sentia o cheiro da neve que vinha de fora, e o cheiro do perigo a incubar ali dentro, no interior do imenso salão. Naquele dia, Bob Peterson tinha-me trazido consigo apenas para que eu pudesse falar um pouco na minha língua, exprimir-me em português sobre o desastre de que fora testemunha a caminho do cemitério de Wadi al-Salam, mas inesperadamente não só falávamos do meu país como acabávamos por ir ter à figura distante do meu pai, e eu tinha a ideia de que os dois temas eram um só. Parecia-me inacreditável. O antigo embaixador disse em inglês – «Oh, sim! O Bob sabe o que eu penso.» O afilhado não respondia, escutava. Pelo caminho, ele próprio me havia dito que me pusesse eu em guarda, que a partir de certa idade todo o homem que se preze tem uma *ilíada* para contar, e o seu padrinho tinha várias. Confirmava-se. O padrinho dizia – «O Bob bem sabe como naqueles anos, mal se desdobrava o mapa-múndi sobre a mesa de conferências, pelas oito da manhã, a cada dia que passava, mais bandeirolas de sangue encontrávamos espalhadas um pouco por toda a parte. A nossa noite de descanso tinha sido dia de fervor

para eles. Os fusos horários são assim, os meridianos terrestres são assim. As bandeirolas ensanguentadas eram assim. A guerra fria, em certas regiões da Terra era bastante quente. Mas pelo menos tínhamos aprendido a fazer contas de dividir e subtrair sobre o mapa-múndi. A divisão do mundo por dois simplificava muito. Pelo menos isso tínhamos aprendido. E quanto a operações de subtração, tínhamos aprendido muitíssimo. Olhámos para o mapa estendido sobre a mesa e fazíamos as nossas contas. Para alcançarmos uma razoável poupança de baixas aqui, tinham de ser sacrificadas duas ou três cabeças, além. Contas de dividir. Sacrificavam-se trinta vidas para evitar o desperdício de três mil, uma centena para poupar um milhão. A guerra fria foi isso, uma conta de poupar. A lei do açougueiro perpétuo minimizada ao máximo. Era assim, todas as manhãs. Mas de súbito, quando menos se esperava, no extremo ocidental da Europa, surgia aquilo. Oito horas em ponto. Uma movimentação estranha estava a acontecer no seu país. Uma deposição pacífica. Ninguém acreditava numa movimentação que se dizia pacífica. Aguardávamos com serenidade, queríamos colocar no devido lugar a bandeirola vermelha, parecia natural que assim fosse. No entanto, já haviam passado dois dias e nada de grave ainda tinha acontecido. Era de facto uma deposição sem sangue. O mundo inteiro, expectante, a olhar para o seu país. Como era possível? Um caso sem precedentes. Uma fitinha de terra do tamanho de uma toalha, sem importância nenhuma, de súbito, transformava-se na noiva desejada de toda a gente. Em consequência, sobre a mesa de conferências, a partida de xadrez iria mudar de figura. A partir de então, o mapa das suspeitas nunca mais viria a ser desdobrado da mesma maneira. Mas a diferença não se deveu a todo o tipo de festejantes que lá acorreram a partir da manhã seguinte, muitos deles com a missão de espiar, intrigar, vigiar e ocupar o seu país, deveu-se tão só, e apenas, à qualidade da sua gente.»

O antigo embaixador inclinou-se para a bandeja do copeiro, ajustou o casaco de seda em cuja algibeira havia canetas douradas, e falou em português – «Pode crer, miss Machado, que nunca encontrei ao longo do meu percurso um povo tão sensato como aquele a que você pertence. Um povo pobre, sem álgebra, sem letras, cinquenta anos de ditadura sobre as costas, o pé amarrado à terra, e de repente acontece um golpe de Estado, todos vêm para a rua gritar, cada um com sua alucinação, seu projecto e seu interesse, uns ameaçando os outros, corpo a corpo, cara a cara, muitos têm armas na mão, e ao fim e ao cabo insultam-se, batem-se, prendem-se, e não se matam. Eu vi, eu assisti. É esta realidade que é preciso contar antes que seja tarde. Compreende o que estou a dizer?»

Eu não precisava de compreender.

Aliás, agora, à distância de seis anos, creio reconstituir com mais fidelidade as palavras do embaixador do que então, quando eu directamente as escutava, e estava sentada na sua frente. Na altura, interessava-me muito pouco a exaltação das virtudes de um povo longínquo que só por acaso era o meu. Reconheço. Aquele discorrer grandioso, disfarçado sob um tom comum, que de comum se tornava intenso, alternado em duas línguas, não me atingia. Estava em questão o *seu povo*. E o padrinho invocava uma gente mansa, uma gente de que todo o ministro gostaria de ser dirigente, todo o sacerdote gostaria de ser pastor, todo o provedor público gostaria de defender. O padrinho falava com vivacidade contida, como se o país que invocava fosse uma pessoa amada, referia-se a um nobre povo com suas armas inofensivas, suas manifestações de júbilo e grandes arruaças pacíficas, invocando no meio desse quadro aquela que fora a sua própria estratégia, a espera que havia alimentado de cautelas até que a

rua onde o nobre povo fervilhava acalmasse, uma cartada certa que havia exigido da sua parte um fino exercício de paciência ao longo de setenta e cinco. Lembrava-se muito bem. Nessa altura, perante a sua moderação, o juba-de-leão do Secretário de Estado bem que se exasperava, dizendo que tinha enviado para Lisboa um duro que afinal lhe saíra um laxo. Um laxo que, em vez de agir, dava aulas. E o padrinho de Bob, divertido, invocava a forma como ele mesmo e o seu *staff*, ao arrepio das instruções que lhe chegavam, sem nenhuma intervenção directa invasiva, nenhum trabalho nocturno difícil, um jogo perseverante de inteira-te e aguarda, como não havia memória desde que a guerra se servia fria, tinham vencido a partida. Uma bela partida. Ouvia-o dizer, enquanto no piso de cima os convidados riam, e eu própria senti vontade de rir, sobretudo no momento em que o antigo embaixador quis lembrar-se do nome das flores que os portugueses em setenta e quatro enfiavam no cano das espingardas e não lhe ocorria. Nós três, como se os nossos cérebros estivessem programados para o esquecimento simultâneo, empancámos na designação. Eu própria simulei estar esquecida. O anfitrião ficou suspenso. Perguntou – «Pois como se chamavam as flores?»

Sim, aquelas flores vermelhas?

Nenhum de nós se lembrava. Era inacreditável que os três soubéssemos que as páginas da pétala dessas flores eram dentadas, uma unha longa em pecíolo forte, que tinham sido oferecidas pelas floristas logo pela manhã do próprio dia vinte e cinco, quando os insurrectos galgavam a Baixa, até o Bob sabia do caso, sabia que começara por ser a oferta de uma vendedeira quando a coluna sublevada fazia a volta em torno de uma praça, até ele sabia, e no entanto, nenhum de nós se lembrava do nome da flor. Como é que você não sabe? Inquieto, o anfitrião confessava estar

surpreendido por que a palavra não estivesse colada na minha cabeça, mas ele conhecia o processo, sabia que a distância geográfica e a mistura dos idiomas criam por vezes buracos inimagináveis na memória linguística da pessoa que migra. Uma questão de sinapses que se alucinam no aparelho cerebral quando se muda de língua. Sendo assim, pois que nome tinha aquela flor? Nós três com os olhos no tecto do salão, enquanto Bob não se decidia. Porque de súbito Bob desconfiou, decidiu-se, deu um salto, abriu a porta de ligação, subiu ao piso de cima de onde provinham os risos, e quando desceu trazia consigo o nome da flor. O seu rosto estava corado. Era indecente. Como não nos lembrávamos que se tratava de *carnations*? *Red carnations*? Disse em inglês.

Também o antigo embaixador sentia uma espécie de vexame.

Cravos, claro que eram cravos. *How awful, it's carnations, of course, dear Bob!* Pois como não lhe tinha vindo o nome dessa planta à memória? Como não? E nesse instante, rodou a sua cadeira na minha direcção – «Sabe, Miss Machado, se regressar a Lisboa e procurar entre as pedras da calçada miudinha que lá existe por toda a parte, vai ver que ainda encontra os restos dessas flores, a única metralha de que se socorreu o seu povo para derrubar os velhos tipos, e também para se entenderem entre si. E isto dá que pensar a quem passou por outros lugares da Terra e testemunhou muitas e variadas andanças. Ainda no ano anterior tinha acontecido tudo o que se sabe nos estádios de Santiago. Lugares de má memória. O caso daquele rapaz que compunha e cantava umas baladas, e a quem esmigalharam os dedos à coronhada, e enfiaram quarenta e quatro balas no corpo, foi uma brincadeira de muito mau gosto. Os autores da proeza escreveram a amigos contando que tinham disparado dez balas para que não cantasse, dez para que não escrevesse, dez para que não compusesse, dez para que não contasse, e as últimas quatro para que se julgasse que tinha sido obra dos Estados Unidos da América. Quatro balas

no seu peito. O álibi para as últimas quatro foi mesmo de péssimo gosto. Um panfleto em carne viva, redigido pelos chilenos, a rodar à volta do mundo para nos incriminar. Já se sabe como é, a coberto do invasor, retrata-se o invadido. Muito delicado. Mas no caso do seu país foi diferente, uma realidade única. Armas portuguesas, revolução portuguesa, bom povo, generoso, pacífico, de tal modo que a sua metralha foi só flores. Gente cordata. Pois sabe, Miss Machado, quando eu ouvi o seu nome nas reportagens da CBS e me apercebi do seu ligeiro sotaque, o seu apelido e o seu jeito fizeram-me lembrar aquele povo e aquele tempo, e as crónicas de António Machado, o seu pai.»

«Fiquei a dever muito ao seu pai, sabe? Pessoalmente, nunca nos cruzámos, mas eu conhecia-o bem, conhecia-o como os homens se devem conhecer, através das preocupações que lhes passam pelo pensamento, se proferidas em voz alta. É isso, Miss Machado, que significa ser um bom companheiro no tempo, é ter a coragem de se dar a conhecer por inteiro. E era o caso. Lembro-me muito bem da crónica de António Machado, o homem que antecipava o futuro na última página do seu jornal. Duas colunas. Lia-se muito o que escrevia o homem que antecipava o futuro. Agoirento, dia após dia, ia agoirando, agoirando o futuro, e eu, enquanto representante de um país estrangeiro, eu ia decifrando o agoiro, driblando o agoiro, desfrutando do seu jeito de agoirar. Pois se um cronista não serve para agoirar, para que serve o cronista? Não me dirá, Miss Machado?»

Eu ouvia o padrinho de Bob dizer.

Ouvia e pensava que não me convinha pronunciar uma única palavra que me ligasse a essa fábula antiga cujos pormenores eu conhecia até à exaustão, enquanto o anfitrião falava em inglês sobre as crónicas do meu pai, lá fora, a queda do primeiro nevão

de Outono abrandava, mas no jardim já não se distinguiam as silhuetas das árvores. Dizia o embaixador – «Muito curioso, Miss Machado. Em Fevereiro de setenta e cinco, ainda mal eu tinha chegado, e já António Machado escrevia que eu era o cavalo de um Átila chamado capitalismo, que lá onde eu punha as minhas patas traseiras a erva secava e os homens livres morriam. Usava uma linguagem demasiado colorida, convenhamos, embora eu gostasse daquelas cores. Elas davam a conhecer o que se via e o que se imaginava. Quando uma pessoa lê semelhantes acusações a seu respeito, tem de examinar muito bem o material de que é feita a sola dos seus sapatos. Só isso. De resto, pouco me importava com o que os tolos escreviam pelas paredes. Importava-me o que os homens inteligentes pensavam. O homem que lia o futuro, o seu pai, era inteligente e escrevia muito acerca da minha pessoa. Ele gostava de não gostar de mim. Seis meses depois, no Outono de setenta e cinco, chegou a escrever que eu representava todos aqueles que estavam apostados em apagar daquele canto, o canto que marcou o início do levantamento de setenta e quatro, as passadas com que abria a canção, aquela marcha lenta, aquele coro do campo que falava de uma certa árvore...» E aí o anfitrião olhou desamparado para Bob Peterson – «Como se chamava a canção, Bob? A marcha lenta, Bob? A que começava pelo movimento dos passos?»

Pois que passos?

Curioso, naquele momento, nenhum de nós se lembrava do nome da canção. De novo estávamos esquecidos. Em tempos, todos tínhamos sabido, incluindo Bob Peterson, que nunca havia estado em Portugal mas bem cedo se apercebera da existência de um certo tema *country* que era difundido nos programas da Música do Mundo. Em terra de civilizados, quem não se tinha

apercebido? Quem não havia escutado, pelo menos uma só vez que fosse, aquelas passadas? Bob tinha quinze anos em setenta e quatro, vivia então no interior do Alabama, só a pensar em basebol, e mesmo assim havia prestado atenção à canção portuguesa, aquela que se iniciava pelas passadas de uns homens, que os americanos imaginavam apossados por lobos e carregados de andrajos, a caminharem abraçados, partindo finalmente, com um século de atraso, em direcção à aurora sagrada da produção, da santa fraternidade da liberdade das vendas e das compras. Os bons cidadãos americanos emocionados. Pois a sol nascente, lá do outro lado do mar, um bando de europeus andrajosos, como aqueles que por vezes emigravam para a Califórnia com uma mão à frente, outra atrás, conquistava o caminho que os conduziria à prosperidade, fazendo o seu penoso percurso calçados de duras botas cardadas. O som daquelas passadas. Como é que ela, a rapariga portuguesa que ali estava, não sabia? Claro que Robert Peterson não tinha o dever de se lembrar do nome da canção, mas a portuguesa que fingia não saber, sim, essa tinha. E de novo o afilhado se levantou para ir até ao piso de cima. Enervado, ofendido. O antigo embaixador, porém, compreendia a minha amnésia. Enquanto Bob dava nomes diferentes à minha amnésia. *A trick*, um truque, mais que não fosse, uma inconveniência. Uma falta de cortesia estar a fingir que não sabia. Fingir que não se lembrava do nome dos cravos, fingir que não se lembrava do nome do canto. Os olhos do Bob passavam de castanhos a pardos. O que acontecia entre nós, ali mesmo, na sala do padrinho? Era simples, lutávamos. Um braço de ferro sereno, uma luta mansa, subentendida, que não tinha importância alguma, em face do objecto em causa. Mas Bob subiu ao piso intermédio da mansão, e quando regressou disse em inglês – «Não precisamos da tua ajuda. Felizmente que lá em cima há quem tenha dentro da cabeça um glossário onomástico sobre revoluções. Bastou referir o caso

português e foi um ver se te avias.» E Bob entregou ao padrinho um papel que este leu – «*Gan do la*».

O padrinho leu o que estava escrito no papel, soletrando, rodou várias vezes o líquido que ainda restava no fundo do copo, e olhou para mim, investido de infinita paciência. Bob foi ao seu encontro como se eu não estivesse presente – «Repare bem, padrinho, que ela ainda vai dizer que não sabe se *Gandola* é uma árvore ou uma cidade. Não há nada a fazer, ela está na defensiva, ela não quer participar. Compreende? Não se lembra da *Gandola*, não se lembra do nome dos cravos. *She's quite a flaky person, my dear uncle. That's the truth.*

Aquele *she* era eu.

Mas o padrinho tinha nascido três décadas antes de Bob, e além disso fora um hábil negociador, enquanto o afilhado era apenas um homem nervoso que se exercitava no domínio sobre si mesmo, e podia falar a partir de escombros onde se amontoassem cadáveres de cinco dias com a imobilidade facial da pedra. Bob facilmente desistia dos vivos. O anfitrião, pelo contrário, animou-se, aproximou o seu braço do meu, e eu senti a sua mão ossuda travando-me na fuga. «Vamos lá ver. Como é mesmo o seu nome?» Perguntou. «Sejamos francos, Ana Maria Machado. Repare que em breve ninguém mais se lembrará do significado do som desses passos de que você também não se lembra. Eu sei que para si tudo isso aconteceu há muito tempo, antes de você ter nascido, antes do princípio do mundo, do seu mundo, mas ainda assim, vale a pena pensar no assunto. É que há em tudo isto alguma coisa que não bate certo. Não vê como a memória do horrível perdura, e como a lembrança dos momentos de graça tão depressa se apaga?» E o anfitrião perguntou como se respondesse a alguém que o tivesse interpelado – «Acha, então, que a mente humana está definitivamente formatada para se esquecer do bem? Para se esquecer dos momentos em que o anjo da